

## **REVERBERAÇÕES DO NACIONALISMO BRIZOLISTA: O GRUPO DOS ONZE E A FRENTE NACIONALISTA EM JACOBINA, BAHIA**

Hebert Santos Oliveira<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo discutir sobre as ideias nacionalistas difundidas nos discursos de Leonel Brizola e sua influência na cidade de Jacobina, Bahia. Esse personagem, herdeiro político de Getúlio Vargas, foi o símbolo da luta pela legalidade em 1961 e especialmente a luta pelas reformas de base. Para pressionar o governo do presidente João Goulart a adotar imediatamente essas reformas, conclamou o povo a se organizar em grupos de onze pessoas, assim como um time de futebol, que era a força do povo que estava desmobilizado até então. Seguindo essa orientação, um Grupo dos Onze, bem como uma Frente Nacionalista foi criada na cidade baiana de Jacobina. Nesse sentido, defenderam o nacionalismo e reivindicaram as reformas, principalmente através do manifesto Aos Jacobinenses. Com a consolidação do golpe civil-militar de 1964, foi instaurado um IPM no qual alguns integrantes foram indiciados e é nele que nos sustentamos enquanto fonte investigativa sobre esse contexto.

**Palavras-chave:** Leonel Brizola. Nacionalismo. Grupos dos Onze. Frente Nacionalista. Jacobina/BA.

Recebido em 31 de agosto de 2018 e aprovado para publicação em 30 de dezembro de 2018

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia. Correio eletrônico: oliveirahebert1@gmail.com

## **Brizola: trajetória, nacionalismo e trabalhismo**

Leonel de Moura Brizola (1922-2004), gaúcho de Passo Fundo, foi um dos políticos mais expressivos da história do Brasil. Herdeiro político de Getúlio Vargas, Brizola apareceu na vida militante quando ainda era estudante no fim da década de 1940. Nesse mesmo momento, elegeu-se deputado estadual pelo seu Estado, o Rio Grande do Sul. Aparecia então, no cenário regional e depois nacional, um homem que dedicou toda sua vida pública à política, espalhando e consolidando seu capital político.

Com efeito, Brizola colecionou polêmicas, discursos “inflamados”, amigos e inimigos, aliados e adversários na política. Contudo, como afirma Ângela de Castro Gomes, “a imagem mais recorrente e forte de sua presença política, aquela que se escolheu para ser especialmente lembrada e fixada na história do Brasil, foi a do defensor da legalidade institucional e da democracia”<sup>2</sup>. O recorte temporal desse cenário de defesa da legalidade democrática é bastante conhecido: 1961, com uma tentativa de golpe pós-renúncia de Jânio Quadros e o contexto pré golpe civil-militar de 1964, no qual travou intensas batalhas com políticos da direita.

Efetivamente na prática política, obteve grande notoriedade como governador do Rio Grande do Sul. Unindo a teoria com a ação, “Brizola adotou política econômica desenvolvimentista. Recorrendo à tradição nacionalista e estatista inaugurada por Getúlio Vargas, ele fundou a Caixa Econômica Estadual, o Banco Regional de Desenvolvimento Econômico e a Aços Finos Piratini”<sup>3</sup>, todas elas semelhantes das empresas que Vargas implantou a nível nacional. Além disso, seu programa para a educação naquele Estado, esteve em uma de suas pautas mais importantes. Construiu 5.902 escolas primárias, 278 escolas técnicas e 131 ginásios e escolas normais. Foram abertas 688.209 matrículas e contratados 42.153 professores.<sup>4</sup>

Leonel Brizola construiu ao longo da sua carreira política, um discurso forte e que contagiava a classe trabalhadora. Esse discurso estabelecia as bases do trabalhismo em seu segundo momento, de 1954, com a morte de Vargas, até 1964. O trabalhismo foi uma ideologia política surgida durante o Estado Novo varguista, precisamente a partir de 1942, “possuindo como principal base operacional o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, além, obviamente, de traduzir a ideia capital de responder aos interesses

---

<sup>2</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Brizola e o trabalhismo**. In: *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)*. Org. FREIRE, Américo; FERREIRA, Jorge. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 303.

<sup>3</sup> FERREIRA, Jorge. **Nacionalismo, democracia e reformas: as ideias políticas de Leonel Brizola (1961-1964)**. In: *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)*. Org. FREIRE, Américo; FERREIRA, Jorge. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 24.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

dos trabalhadores.”<sup>5</sup> Essa ideologia teria no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), suas ramificações em todo território nacional. Brizola foi um dos políticos que reivindicou, dentro do partido, as premissas trabalhistas, que ainda mantinha a tradição ideológica do passado, mas vincularam-se a novos temas e interpelações, entre os quais o da luta pelas reformas de base.<sup>6</sup>

O discurso nacionalista, contido na ideologia trabalhista, era um de seus pontos fortes. Dentro do próprio partido, ele e outros políticos de referência (João Goulart, San Tiago Dantas, Alberto Pasqualini, dentre outros), se autodenominaram nacional-revolucionários, sendo Brizola como a principal liderança. Sua visibilidade ganhava força e adesão não só no PTB, “militantes de outros grupos e partidos políticos, inclusive os que se diziam revolucionários [no sentido marxista do termo], reconheciam sua liderança. Sua popularidade entre os sargentos das três Forças Armadas e das Polícias Militares era algo sem precedentes.”<sup>7</sup> A questão da defesa do Brasil e de sua emancipação social e econômica era recorrente na sua forma de pensar, beirando a um socialismo utópico. Este perfil fica demonstrado numa entrevista concedida ao cientista político Moniz Bandeira, presente em seu livro *Brizola e o Trabalhismo*, de 1979, quando perguntado sobre a realização de uma “democracia socialista”:

No meu entender, não é livre uma sociedade onde existem oprimidos e opressores, explorados e exploradores. Para mim é inconcebível que alguém utilize a liberdade para oprimir e explorar seu semelhante. Por isto estou convencido de que a democracia, consagrando a liberdade como estilo de vida, como forma de ação e de relações humanas, só se realiza, plenamente, com justiça econômica e social, que proporcione a todos oportunidades iguais para usufruir de uma vida digna e dos benefícios do progresso e da civilização. Eis a razão pela qual, nós trabalhistas, a democracia não é nem pode ser uma fase, uma etapa ou um simples caminho para qualquer outra forma de organização social, mas um fim em si mesmo, pois são as liberdades políticas que permitem aos trabalhadores defenderem-se não só contra a exploração do capital, mas também contra as deformações e pressões burocráticas do próprio Estado.<sup>8</sup>

Leonel Brizola acreditava que poderia aprimorar o que ele chamou de “democracia formal”. Ou seja, a democracia existente nos países ocidentais, e no caso específico o Brasil, tem como uma de suas características, o conjunto de liberdades que não podem ser refutadas numa democracia formal, “mas sim, de transformá-la, dando-lhe substância social, com a participação efetiva do povo no processo de decisões do

---

<sup>5</sup> GOMES, op. cit., p. 304.

<sup>6</sup> Idem, p. 307.

<sup>7</sup> FERREIRA, Jorge. **Leonel Brizola, os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular**. In: *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Orgs. FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 546.

<sup>8</sup> BANDEIRA, Moniz. *Brizola e o Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 193.

Estado.”<sup>9</sup> Entretanto, quando Brizola se vê obrigado a partir do exílio no Uruguai em 1977, recorre aos Estados Unidos (Nova Iorque), país que fez severas críticas ao longo do tempo na luta anti-imperialista. Lá, declarou ser um socialdemocrata, o que deixou setores da esquerda desconfiados, pois parecia que o político gaúcho tinha uma certa inclinação aos ideais socialistas. Mas, por que os Estados Unidos da América? Brizola se viu acuado pela decisão do governo uruguaio em expulsá-lo e, numa decisão estratégica, teve a ideia de entrar na embaixada norte-americana e testar a política de direitos humanos, implementada pelo então Presidente dos EUA Jimmy Carter. Além disso, Brizola serviria como um elemento chave no confronto com o governo de Ernesto Geisel, que não mais convinha aos interesses norte-americanos.<sup>10</sup>

Paulo Schilling – assessor de Leonel Brizola quando era governador do Rio Grande do Sul e também secretário-executivo da Frente de Mobilização Popular (FMP) até 1964 – em seu livro *Como se coloca a direita no poder*, ao levantar nomes de líderes políticos com maior aceitação popular, entre eles Brizola, percebeu que “foram aceitos pelas massas populares mais por seus carismas, suas ações práticas, por sua atuação direta sobre o povo, ou por seus métodos demagógicos, do que por suas posições ideológicas, em geral indefinidas, contraditórias, ou quase inexistentes.”<sup>11</sup> A perspectiva carismática nesta análise, também foi discutida pelo cientista político João Trajano Sento-Sé, em sua obra *Brizolismo*, na qual reivindica as teorias do sociólogo alemão, Max Weber sobre dominação carismática e insere o perfil político de Brizola neste contexto. Contudo, a abordagem característica para se compreender a sua trajetória política, necessariamente perpassa pela noção do trabalhismo. Sento-Sé, não perde de vista a importância que a tradição trabalhista teve sobre a práxis política de Leonel Brizola:

A construção narrativa sobre a situação do Brasil contemporâneo é articulada a uma espécie de teoria explicativa de sua história recente. Uma e outra são indissociáveis. Poderíamos chamar tal formulação de teoria geral da história brasileira de um ponto de vista brizolista. Ambas (a narrativa do Brasil atual e a construção de sua história) estão articuladas à tradição trabalhista e à legitimação da figura de Brizola, como seu herdeiro.<sup>12</sup>

Nesse sentido, Leonel Brizola se torna um dos principais herdeiros do trabalhismo no Brasil. Nenhum outro político encarnou e intensificou as lutas em torno dessa ideia,

<sup>9</sup> Idem, p. 192.

<sup>10</sup> Essa hipótese foi levantada por Luiz Aberto Moniz Bandeira em entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www.informacaopublica.org.br/?p=1215> . Acesso em: 14 de junho de 2017, às 20h:30m.

<sup>11</sup> SCHILLING, Paulo. *Como se coloca a direita no poder – Vol. 1: Os Protagonistas*. Rio de Janeiro: Global, 1979, p. 210.

<sup>12</sup> SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 35.

depois de Getúlio Vargas, este último sendo uma referência incomparável para ele. As novas bases do trabalhismo, que se verificou com a redemocratização a partir de 1946, estabeleceu um “circuito que comunicava setores das elites com setores populares, transformando-se em um instrumento de inclusão social e de alargamento da participação eleitoral”<sup>13</sup>. Dessa forma, “a ideologia trabalhista reivindicava esse interesse em ampliar a participação das classes populares, sendo apropriada por trabalhadores e lideranças políticas e sindicais.”<sup>14</sup> O próprio Brizola, em entrevista ao historiador Luiz Alberto Moniz Bandeira, define qual o programa do trabalhismo:

Compreendo o trabalhismo como o primado dos valores do trabalho, luta contínua para aumentar a participação dos trabalhadores na riqueza social, opondo-se a toda e qualquer forma de exploração do homem pelo homem, de classes sociais por outras classes sociais e de nações por outras nações.<sup>15</sup>

### **Formação do Grupo dos Onze**

No contexto pré-golpe de 1964, Brizola tentou unir os trabalhadores brasileiros e a classe política de esquerda através de organizações, tanto no Congresso, quanto fora dele. Este último, ficou mais amplamente conhecido como o Grupo dos Onze, sua derradeira tentativa de luta contra a direita golpista. Não podemos perder de vista que, após o golpe de 1964, o grande objetivo dos militares era incriminar Leonel Brizola, o agitador-mor, como eles se referiam ao deputado federal, figurando como principal indiciado e incitador dos Grupos dos Onze em território nacional. Brizola aparecia como uma das principais lideranças da esquerda no país, diferindo de outras ligadas aos partidos e organizações comunistas, seu objetivo era colocar em prática “na lei ou na marra”, como já havia dito as reformas de base.

Depois de seus discursos para que o povo brasileiro organizasse o Grupo dos Onze, ou “Comando Nacionalista”, a imprensa superestimou de maneira negativa essa proposta de Brizola, escrevendo artigos de que esses grupos seriam de milícias armadas, o que demonstrou ser falso. A imprensa, na verdade, queria minar as tentativas do governo de implementar as reformas, criando meios para que o público leitor, civis, políticos e militares tivessem legitimidade, através dos jornais e outros meios de comunicação para conter o avanço das investidas brizolistas. “Não só nos meios da direita golpista, como também na esquerda comunista, entre esses estavam representantes da direção do PCB, em sua condenação justamente a tal caráter

---

<sup>13</sup> GOMES, op. cit., 306.

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> BANDEIRA, op. cit., p. 189.

belicista, considerado não adequado àquele momento histórico”<sup>16</sup>. O próprio Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do PCB, não demarcava ser necessário armar o povo naquela conjuntura. “Desde o princípio, não acreditava na eficácia dos Grupos dos Onze, subestimava este movimento, pois achava que não tinha força, nem condições para fazer o que pretendia.”<sup>17</sup>

Em que pese às impressões da direita e da esquerda, Leonel Brizola conseguiu uma adesão considerável da população. As suas oratórias na rádio Mayrink Veiga propagavam-se em todo país. Muitas rádios de diversos Estados se filiaram a esta, formando a chamada “Rede do Esclarecimento”. Nos seus discursos para que o povo se organizasse em grupos de onze pessoas, não mencionava que estes teriam um caráter paramilitar ou de milícia armada. Como nos lembram Brandalise e Harres “sabe-se, no entanto, que o discurso da ‘violência’ não era de modo algum alheio a Brizola, em especial às vésperas do golpe, mas, em geral, empregava-o, ao menos em público, no sentido reativo, de ameaça, de resistência aos acontecimentos”<sup>18</sup>.

De qualquer forma, estava claro que a organização dos Grupos era um “mal menor” se comparado aos agrupamentos políticos de esquerda tradicionais que os militares queriam extirpar. Sobre o Grupo dos Onze, anos mais tarde, Brizola comentou sobre sua intenção com estes:

Quanto aos “grupos de onze”, meu erro foi não chamá-los de “clubes de defesa da democracia”, ou algo parecido. Eles não poderiam constituir o embrião de milícias populares. Não tinham esse conteúdo. Não tinham armas como depois se comprovou. Na verdade, tentei formá-los, a fim de arregimentar a sociedade civil contra o golpe de Estado, que a direita com apoio externo articulava, preparando-se até mesmo para desencadear a guerra civil, para lutar contra as Forças Armadas, através de guerrilhas se elas sustentassem o Governo.<sup>19</sup>

Brizola faz um *mea culpa* apenas em torno da nomenclatura desta organização e não ao fato da proposta na prática da mesma. Por outro lado, ficou na memória dos setores direitistas o que ele fez na tentativa de barrar o golpe pós-renúncia de Jânio Quadros em 1961, “cuja resistência levou o então governador do Rio Grande do Sul ordenar a Brigada Militar de Porto Alegre que distribuisse armas a população. Foram distribuídos cerca de 2.000 revólveres calibre 38.”<sup>20</sup> Não obstante, a situação naquele momento de março de 1964, tinha suas peculiaridades que se diferenciavam de três anos

---

16 BRANDALISE, Carla; HARRES, Marluza Marques. *Brizola e os comunistas: os Comandos Nacionalistas na conjuntura do golpe civil-militar de 1964*. Antíteses. v. 8, n. 15esp., nov. 2015, p. 187.

17 Ibidem.

18 Idem, p. 186.

19 BANDEIRA, op. cit., p. 199.

20 Idem, p. 80.

atrás. Podemos dizer que 1964, foi um desdobramento do que ocorreu em 1961. As organizações se multiplicaram em defesa da democracia e das reformas, o Grupo dos Onze foi uma dessas. Para Neiva Moreira, deputado federal e amigo de Brizola, o Grupo não representava um perfil violento e armado, e tão pouco revolucionário:

Eu diria que ficaria entre reformista e revolucionário. Porque, quando se vê hoje a fisionomia das pessoas que se mobilizaram em favor dos “grupos dos onze”, nós facilmente podemos verificar que não tinham uma concepção revolucionária do processo brasileiro. Estavam querendo democracia, reformas, redistribuição de renda e um avanço social. (...) Era evidente que não estavam armados e nem preparados militarmente. O “grupo dos onze” foi um instrumento de mobilização popular.<sup>21</sup>

As visões de Brizola e Neiva Moreira sobre o propósito do Grupo dos Onze convergiam. De fato, ficou constatado depois de consumado o golpe e consolidado a ditadura, que a população que se propôs a esse tipo de “militância”, não tinha um perfil guerrilheiro. A defesa das reformas de base era crucial, sem recorrer à violência. Na cidade de Jacobina-Bahia situamos essas mesmas características, além de uma severa perseguição dos militares com instauração de IPM.

### **A Frente Nacionalista Jacobinense e o Grupo dos Onze em Jacobina, Bahia**

80

Os nacionalistas jacobinenses seguiam um percurso orientado por Leonel Brizola que aparecia mais enérgico nas suas convicções de organizar a sociedade civil e política em torno das reformas imediatas e contra a iminência de um golpe da direita. A criação de uma Frente e do Grupo dos Onze foram formas que Brizola encontrou para congregar forças e pressionar o governo Jango para atender rapidamente as reformas de base. O seu objetivo repercutiu na cidade de Jacobina.

A repercussão do nacionalismo de esquerda e das reformas de base atingiu diversos estratos sociais na cidade. Eram estudantes, profissionais liberais, comerciantes e trabalhadores de amplos setores que comungavam das ideias brizolistas. A difusão dos discursos de Brizola era feita pela rádio Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro e ouvidos em todo território nacional. Em Jacobina, poucas pessoas, na década de 1960, tinham em casa aparelhos de rádio. Havia um serviço de alto falante no município em que era difundida as ideias nacionalistas por meio do programa “A hora nacionalista”, nos idos de março e abril de 1963. Era um prenúncio daquilo que viria na virada deste ano para 1964. Nesse programa, apresentado às sextas-feiras no fim de tarde, eram lidos

<sup>21</sup> MORAES, Dênis de. *A esquerda e o golpe de 64*. São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 325.

pequenos artigos, enviados muitas vezes por ouvintes, mas também por aqueles que comandavam a programação. Destacamos um desses artigos e o teor nacionalista nele contido:

(...) O nacionalismo verde e amarelo, meus irmãos, é a democracia que não temos, porque a fiel e verdadeira democracia é aquela que é contra a espoliação, a trustes nacionais e estrangeiros, a entreguistas, que do nosso país, só vizam (*sic*) os seus negócios vantajosos, oprimido e sugando de milhões de brasileiros, as últimas gotas do seu sangue para se tornarem cada vez mais poderosos, continuando na falsa liberdade, os escandalosos negócios internacionais que trazem aos borbotões a infelicidade, a ruína de um país que é tão rico e tão pobre de regime (...) O nacionalismo é faminto de liberdade de boas leis, de ordem, de progresso e independência para um povo e para outros de todo este continente, que sofrem os mesmos males.<sup>22</sup>

A defesa do nacionalismo, portanto, se dá a partir da crítica necessária contra intervenção estrangeira que não permite ao país a liberdade de crescimento e desenvolvimento almejado. Para que haja um verdadeiro nacionalismo é preciso imbuir-se de uma luta anti-imperialista e também se preocupar com os “entreguistas”. O “entreguismo” era um termo recorrente nas palestras de Leonel Brizola. Surgido no final dos anos 1940 e percorrendo toda a década de 1950, os entreguistas eram aqueles que defendia um modelo de desenvolvimento baseado na participação do capital internacional e na “entrega” da exploração das riquezas naturais a grupos estrangeiros.<sup>23</sup>

Em fins de 1963 com a divulgação por Brizola da necessidade da organização do povo nos chamados Grupo dos Onze ou Comandos Nacionalistas, um grupo de amigos, reunidos em uma residência, decidiram formalizar esse apoio a Brizola, consolidando um grupo dos onze em Jacobina. Naquele momento, as pessoas envolvidas assinaram uma ata de fundação do grupo. Na verdade, havia uma ata padrão em que os integrantes deveriam escolher um líder (ou presidente) e escrever no documento seu nome, no caso de Jacobina foi o pedreiro David Bispo. Além disso, os membros que assinariam estariam dispostos a defender a democracia, lutar pelas reformas de base, especialmente a agrária e libertar a pátria da espoliação internacional. Depois de assinada a ata, esta foi encaminhada pelos correios com destino a Rádio Mayrink Veiga, lugar onde Leonel Brizola lia em rede nacional, evidenciando um amplo apoio de diversos municípios pela causa.

Não houve qualquer tipo de ação efetiva de militância neste grupo dos onze em Jacobina. Havia na verdade, nessas reuniões, tanto na residência quanto no escritório de

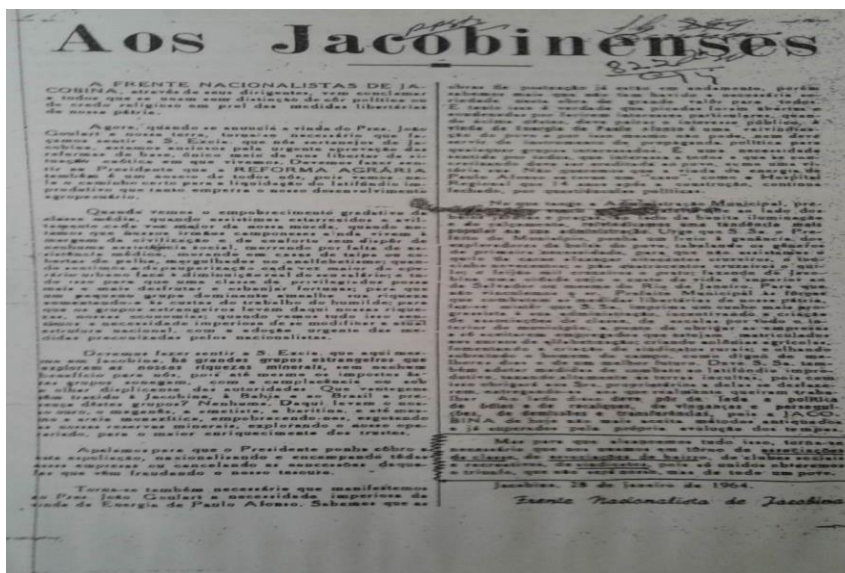
---

<sup>22</sup> Artigo “O nacionalismo verdadeiro”, de Rubens Alves de Castro. IPM nº 27/66, p. 294.

<sup>23</sup> Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/entreguismo>. Acesso no dia 28 de agosto de 2018, às 21h:30m.



advocacia de um dos membros e considerado um dos líderes Ivanilton Costa Santos, discutiam sobre o contexto político e econômico em que o Brasil vivenciava, mas delegava apoio aqueles que lutavam pelas reformas. Naquela ocasião, os comandos nacionalistas já não era bem visto pela mídia e por setores da classe política. Existia uma temeridade sobre o que poderia causar esses agrupamentos Brasil afora. A intenção de aprofundar esse discurso nacionalista fez com que esse mesmo grupo de amigos criassem a chamada Frente Nacionalista Jacobinense, dissociada da imagem do grupo dos onze. Encabeçava essa Frente o advogado e professor Ivanilton Costa. Dessa vez, tomaram a atitude de expor para a sociedade jacobinense as ideias que defendiam para o Brasil e para o próprio município. Não obstante, numa dessas reuniões decidiram redigir um manifesto aos munícipes, que foi intitulado de *Aos Jacobinenses*, em 28 de janeiro de 1964, como vemos a seguir:



Fotocópia 1: Manifesto *Aos Jacobinenses*  
 Fonte: IPM nº 27/66. Auditoria da 6ª Região Militar.

A linha de intenções que se seguem neste texto está muito clara. Inicia-se “conclamando a todos que se unam em prol das medidas libertárias de nossa pátria”<sup>24</sup>. O manifesto nos traz uma importante informação, e talvez uma das razões de sua elaboração, que era a ida do Presidente João Goulart à cidade, porém sem apontar a data desta visita. Entretanto, sabemos que foi em meados de janeiro de 1964 que “Jango

<sup>24</sup> IPM nº 27/66, p. 361.

decidiu-se em favor de uma estratégia desastrada. Faria vários comícios, Brasil afora, levando a mensagem das reformas de base a fim de pressionar o Congresso Nacional.”<sup>25</sup>

O panfleto não se restringia apenas aos aspectos nacionais de luta pelo nacionalismo e pelas reformas, como também fazia duras críticas à administração do prefeito Ângelo Brandão, adversário político da Frente Nacionalista Jacobinense (FNI). Vejamos:

No que tange a Administração Municipal, precisamos fazer sentir ao Prefeito que ao lado dos belos jardins e praças, ao lado da bonita iluminação e do calçamento, reivindicamos uma tendência mais popular na sua administração. Urge que S. Sa. O prefeito do Município ponha um freio a ganância dos exploradores da bolsa do povo, tabelando os gêneros de primeira necessidade para que não assistamos o quilo da carne alcançar oitocentos cruzeiros, toucinho novecentos [...] Para que não vinculemos o sr. Prefeito Municipal às forças que combatem as medidas libertárias de nossa pátria, faz-se mister que S. Sa. imprima um cunho mais progressista à sua administração, incentivando a criação de associações de classe, de escolas por todo interior do município, a ponto de obrigar as empresas a só aceitarem empregados que estejam matriculados nos cursos de alfabetização; criando colônias agrícolas, fomentando a criação de sindicatos rurais [...]<sup>26</sup>

As exigências apresentadas no manifesto estão voltadas para o que os nacionalistas queriam ver na gestão do prefeito. Atitudes que reflitam um caráter mais progressista de administração, atrelado a um cenário nacional de luta por direitos sociais, como a reforma agrária e o processo de alfabetização. Caberia ao prefeito Ângelo Brandão disseminar essas ideias de gestão e acabar com as políticas antiquadas que persistiam sobre o município.

Meses após a publicação e distribuição do manifesto, os envolvidos tiveram que pagar um preço: com a eclosão do golpe civil-militar muitos foram perseguidos e indiciados pela justiça militar. Abriu-se uma temporada de “caça às bruxas” e “operação limpeza” em Jacobina contra aqueles intitulados pelos militares de “agentes subversivos”. Foi instaurado um inquérito com o objetivo de incriminar, se sustentando na lei nº 1802, de 5 de janeiro de 1953, que define os crimes contra o Estado e a Ordem Política e Social, conhecida também como Lei de Segurança Nacional (LSN).

### **Considerações finais**

No início da década de 1960, a luta nacionalista em torno das reformas de base, se caracterizou como eixo central na política do governo João Goulart e dos grupos e

---

<sup>25</sup> FICO, Carlos. *O golpe de 1964: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: FGV, 2014, p. 44.

<sup>26</sup> Manifesto “Aos Jacobinenses”, 28 de janeiro de 1964. Produzido pela Frente Nacionalista de Jacobina. IPM nº 27/66, p. 361.

partidos de esquerda. Era um momento de intensos debates e conflitos com a oposição conservadora e de direita que tentava obstruir qualquer tipo de avanço significativo para o país. As políticas reformistas colocariam as classes populares em evidência no cenário político, pois foi através delas que ocorreram diversas manifestações e se intensificou a luta para sua implementação até o golpe civil-militar de 1964.

Assim, formou, em fins de 1963, o Grupo dos Onze em Jacobina, organização criada e propagada por Leonel Brizola através da rádio Mayrink Veiga, meio de comunicação ouvida pelos nacionalistas jacobinenses que, atraídos pelos discursos brizolistas, aglomeraram pessoas em defesa das Reformas de Base. Além disso, criou-se também, a Frente Nacionalista de Jacobina, em janeiro de 1964, na qual podemos verificar o pensamento de crítico acerca da política e economia local, bem como, a urgência em adotar medidas nacionalistas para que, só assim, houvesse uma mudança significativa. Por ter essa ligação com o que preconizava Leonel Brizola, foram perseguidos, indiciados e alguns deles preso pela força repressiva que se iniciava no país após o golpe.